Editoria
LIVRE.

www.ediotrialivre.com.br

N# 1
Julho de 2018

ENSAIO:

- Caminhos da educação

CONTOS:

- Um lar para o pequeno Magrelo
- Jogo de campeonato, corro é pro mato

QUADRINHOS:

- Injustiça celeste

REPORTAGEM:

- Em Brasília, 19h

O FANZINE MAIS ARRETADO QUE VOCÊ VERÁ HOJE!

Editorial

Entre 2001 e 2002, enquanto dava aulas de desenho para um grupo de garotos, resolvi criar um fanzine para ter um espaço de publicação do trabalho desses meninos. Para conseguir preencher as 20 páginas de cada edição, resolvi convidar outras pessoas que não faziam parte do grupo de alunos. Na verdade, conseguimos a colaboração de desenhistas bem melhores do que eu, como Jurnier e Leandro, só para citar os exemplos mais gritantes.

Fanzine é o nome dado a qualquer publicação amadora. O nome vem da contração de fanatic magazine. É, de modo geral, uma publicação feita por fãs. Tanto faz se são fãs de quadrinhos, de uma banda, de um gênero. A tiragem costuma ser muito pequena, usando recursos de impressão extremamente baratos. Já vi um fanzine impresso em mimeógrafo.

Como não haveria linha editorial definida – publicaríamos qualquer coisa que aparecesse – resolvemos batizar nossa revista de *Várias Variáveis*, um nome chupado de um álbum dos **Engenheiros do Hawaii.** O resultado foi bem interessante. Como não tínhamos computadores para trabalhar a diagramação, a metodologia aplicada foi extremamente artesanal. Recortávamos, colávamos e fotocopiávamos. O produto final era graficamente tosco, mas emocionalmente reconfortante.

Era muito importante poder ver nossos nomes impressos, nossos trabalhos sendo passados de mão em mão naquela coletânea disforme que chamávamos de nosso zine.

As edições eram compostas de histórias em quadrinhos variadas, charges, ilustrações e um ou outro texto. Usávamos o formato A5. Na verdade, dobrávamos uma folha de A4 ao meio – com impressão frente e verso – e grampeávamos. Era no mesmo tamanho das histórias em quadrinhos em formatinho, publicadas pela **Editora Abril** até a década de 1990.

A capa era, invariavelmente, composta por uma ilustração sem qualquer relação com o conteúdo em si.

Era preciso ficar no pé da molecada para que todos entregassem seus trabalhos no prazo, só assim a gente conseguia fechar cada uma das edições. Repassávamos as cópias, para quem se interessasse, cobrando apenas o valor das fotocópias.

Com o avanço da internet, que até aquele momento era uma novidade na nossa região, a ideia de uma publicação amadora perdeu o sentido. No entanto, não são poucos os que sentem falta daquele período. Eu, certamente sou um deles.

Foi exatamente por esse sentimento nostálgico que esta publicação nasceu. Bem vindo ao fanzine Editoria Livre.

Boa leitura!

José Fagner Alves Santos

Índice

EXPEDIENTE

Jornalista responsável: Ms. José Fagner Alves Santos, MTB 0074945/SP.

Crédito de textos em ordem alfabética: Adenivaldo Brito, Aiala Ramos, Eddie Silva, Jefferson Santos, José Fagner Alves Santos, Giva Moreira, Luana Werneck, Mauri Ribeiro.

Revisão: Adenivaldo Brito e J. Fagner

Quadrinhos e Charges: Adenivaldo Brito, Aiala Ramos, Eric Frantto, Giva Moreira

Fotos: banco de imagens do *sxc.hu*, Marvel Comics ®, arquivos pessoais. **Foto da capa**: Leonardo Barbosa

Diagramação: J. Fagner

Caminhos da educação

⏭ *Evitar que os jovens aprendam pela cópia e repetição nos prende em um loop infinito da redescoberta de preceitos básicos. Como se precisássemos reinventar a roda a cada nova decisão tomada.*

Fotos: sxc.hu



A leitura deve ser desenvolvida e praticada antes de qualquer exercício literário

Luana Werneck

Só para ficar no clichê, direi que tudo aconteceu numa manhã ensolarada de agosto. Os professores estaduais haviam sido convocados para uma reunião pedagógica, dentro da sala do Centro de Línguas, na escola em que leciono. Os sete professores aguardavam sentados com olhares e expressões impacientes. Se questionavam em silêncio, e às vezes em voz alta, que horas terminaria aquele suplício. A vice-diretora, juntamente com as coordenadoras, nos apresentava o levantamento realizado pela avaliação diagnóstica de matemática e português ocorrida semanas antes. E nós acompanhávamos com certo tédio a exposição, afinal presenciamos diariamente essas dificuldades, não havia necessidade de uma avaliação nos dizer o que já sabemos.

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Estado de São Paulo se encontra na 7ª posição no ranking nacional, e esse desempenho foi alcançado

através da avaliação do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) no ano de 2012, último resultado publicado. Já no âmbito internacional, o Brasil ocupa a vergonhosa posição de número 38 dos 40 países avaliados em 2014 e, apesar do avanço em sua colocação, se compararmos com a edição de 2012, não houve progresso na qualidade do ensino brasileiro, pois sua ascensão se deu exclusivamente pela maior queda da qualidade ocorrida na educação do México do que a um aumento na brasileira. Essa análise, que utiliza como indicador o Pisa e os índices de alfabetização e aprovação escolar, ocorre em países da América, Europa e Ásia, não tendo aderência dos países africanos.

Enquanto nós professores torcíamos para que aquela reunião pedagógica terminasse rápido, a vice-diretora começou a elencar as atividades que a escola oferecia para reforçar ou recuperar nossos alunos e propôs aos professores que elaborassem atividades, planos de aulas e métodos que suprissem a carência dos alunos. Nesse momento minha dispersão, que estava chegando ao auge, começou a desaparecer. Há algumas semanas entrei em contato com uma unidade do Kumon. Eu, que já tinha ouvido falar, mas não conhecia o método, fiquei encantada em poder ver de crianças a adultos fazendo reforço, tendo um aprendizado que realmente iriam internalizar e não jogar fora quando o professor virasse as costas.

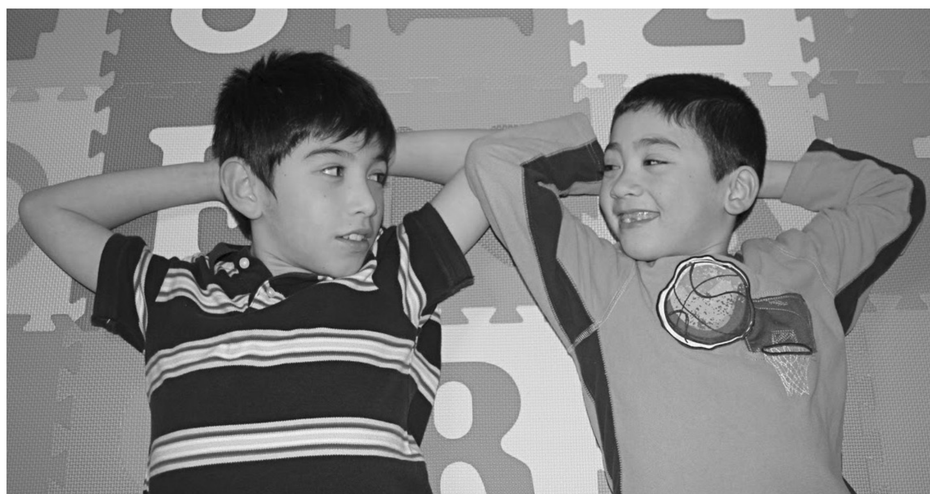
"O automatismo também cessava a atividade na área cerebral que comandava as decisões."

O Kumon é um método de ensino criado na década de 1950, no Japão. Essa metodologia chegou ao Brasil em 1977, pela cidade de Londrina no Paraná. Inicialmente, apenas com o ensino de matemática e, depois, ampliando para o curso de japonês e português. Hoje, ele está espalhado por todo o Brasil. O Kumon busca incentivar a autonomia do indivíduo e a aceitação ao seu próprio ritmo e tempo de aprendizagem, respeitando a evolução lenta e gradual do ser através do autodidatismo.

Levantei a mão, costume que trago desde meus tempos de escolas, para me pronunciar. Comecei a narrar minha recente experiência com o método Kumon e como estava encantada com ele, mas rapidamente fui interrompida pela vice-diretora que foi taxativa ao falar: “Não recomendo este método, pois ele se baseia na repetição e isso é robotizar os alunos” (sic). Quê? Meu choque foi grande, olhei para os lados em busca dos meus colegas que me

confirmassem que ela realmente disse aquilo e pude perceber que o espanto não tinha sido só meu. Busquei o olhar da coordenadora que estava em pé e encostada à parede ao lado, próxima ao televisor que usava para passar os slides com os diagnósticos, e embora percebesse certa relutância sua, ela apoiou a vice-diretora.

A repetição é um meio fundamental para que os indivíduos internalizem o conhecimento, ou seja, para que eles apreendam. Pesquisas do Massachusetts Institute of Technology (MIT), no Estados Unidos, comprovam que quando o cérebro se depara com um conhecimento novo, as atividades cerebrais se intensificam, havendo um grande gasto de energia. Isso acontece quando começamos a falar, andar, escrever, ler e até aprender a dirigir. Afinal, quem nunca teve dificuldades nas aulas da autoescola? Se concentrar na embreagem, freio, acelerador, câmbio e direção, tudo ao mesmo tempo, parece uma tarefa impossível. Até que a repetição nos permita executar essas tarefas de modo natural. Nosso aprendizado ocorre através da repetição, pois quando internalizamos o conhecimento, o cérebro não necessita gastar tanta energia com uma ação rotineira, já que ela se torna hábito. William James, filósofo e fundador da psicologia moderna, afirmava, em 1892, que nossa vivência consiste em uma massa de hábitos. Em 2006, a Duke University publicou uma pesquisa que afirma que mais de 40% de nossas ações diárias não são compostas por decisões e, sim, por hábitos que adquirimos ao longo da vida.


Abandonamos a metodologia jesuítica por completo, como se nada prestasse

Na Grécia Antiga, a ideia de escola era tida como um modelo para preparar os jovens para a vida pública, a política etc. As crianças passavam por uma educação doméstica que era composta pela leitura e memorização das principais obras e poetas da época, Platão afirmava que essas obras eram cheias de preceitos morais e que valorizavam os grandes feitos dos antepassados. Posteriormente, esses jovens se instruíam em diversas áreas, desde as teatrais até a ginástica; isso, somado à vivência em sociedade, moldava os valores morais e cívicos. Apesar de o método sofrer diversas mudanças, sua essência permaneceu por mais de um milênio na sociedade. Milhões de crianças apreenderam muitos de seus conhecimentos através da repetição e depois de sua compreensão, desenvolveram diversas habilidades. Não há como contestar a eficácia que esse método tem quando Sócrates, Platão e Aristóteles - os fundadores da filosofia ocidental - são frutos e divulgadores deste formato educacional.

Os cientistas do MIT iniciaram uma série de pesquisas da década de 1990 relacionadas ao hábito. Conforme o estudo avançava, eles percebiam que os gânglios basais, um nó de tecido neurológico, tinha grande importância na formação dos hábitos. O experimento feito em ratos notou que os animais com lesões nos gânglios basais possuíam dificuldades de aprender a atravessar labirintos e/ou memorizar como abrir os recipientes de comida. Ao colocarem sensores nos cérebros dos ratos, os cientistas percebiam que a primeira vez que os ratos percorriam um labirinto em busca da comida, seus cérebros possuíam grande atividade e à medida que iam repetindo o trajeto, essa atividade diminuía, ao mesmo tempo em que sua trajetória acelerava. Os estudiosos concluíram que à proporção que o caminho se tornava mais automático, as atividades cerebrais dos ratos se reduziam, pois precisavam pensar cada vez menos. O automatismo também cessava a atividade na área cerebral que comandava as decisões. Notou-se que a internalização desse conhecimento, torná-lo um hábito, dependia essencialmente dos gânglios basais e estes eram responsáveis pelos hábitos mesmo quando o restante do cérebro adormecia.

Esse estudo, publicado no livro O poder do hábito, de Charles Duhigg, também pode ser comprovado por meio da história de Eugene Pauly, apresentada pelo autor, que ao ter uma encefalite viral, na década de 1990, perdeu a capacidade de reter a memória recente, mas durante anos demonstrou ser capaz de apreender novos hábitos, como se alimentar e voltar para casa, mesmo não sabendo onde se localizava a

cozinha em sua casa ou onde morava.

Com a querela, os sete professores já haviam despertado de seu torpor e tentei argumentar que a repetição é um processo importante para a aprendizagem, para que se internalize o conhecimento e, posteriormente, o aluno possa, a partir deste conhecimento, construir seu raciocínio lógico e crítico. Afinal, quem nunca aprendeu tabuada ou os tempos verbais copiando à exaustão até decorar? Eu aprendi assim. Lembro-me claramente de minha mãe me dando aulas de reforço, pois não tinha como pagar professores particulares. Nós duas sentadas à mesa de vidro da sala de casa e eu calculando a tabela de tabuada de 1 ao 10 à exaustão e depois, em português, eu conjugava todos os possíveis tempos verbais que ela sugeria. Recordo de ter um caderno exclusivo para conjugar e flexionar verbos. Confesso que existem tempos verbais que dificilmente eu uso ou ouço ser pronunciado, mas eu sei como conjugá-lo! E isso só foi possível graças a essas extenuantes repetições na sala de casa. Sei que, assim como eu, muitas outras crianças aprenderam dessa forma e hoje, na fase adulta, ainda se lembram de como conjugar o verbo no pretérito mais que perfeito ou quanto é 7 x 6.

"Comecei a compreender porque alunos de 7ª e 8ª séries não sabem diferenciar passaram de passarão"

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicada em setembro de 2013, 13,2 milhões de pessoas (8,7% da população nacional) são analfabetas, com 15 anos ou mais, um acréscimo de 0,1% se compararmos à pesquisa realizada em 2011. Já a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) informa que o Brasil é o 8º entre os países com maior número de analfabetos adultos. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), outro meio de se avaliar a educação no Brasil, afirma que apenas o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) conseguiu alcançar a meta, já o Ensino Fundamental II e o Médio ficaram 0,2 ponto abaixo do que o Governo Federal esperava.

Fiquei consternada com a posição da vice-diretora, que considera a repetição na aprendizagem como meio de robotizar o aluno, e percebi que muitos professores me apoiavam, mas não queriam se estender num debate que poderia prorrogar o tempo deles nessa sufocante sala e, para respeitá-los, preferi também não me prolongar, afinal, parecia óbvio que ela não mudaria de



Não se joga a criança fora junto com a água do banho, é preciso entender isso

opinião nem eu.

Os celulares anunciaram 11h30. Estava na hora do almoço, saímos da sala e descemos as escadas em direção ao refeitório, nos sentamos para almoçar e conversar, nas mesas que habitualmente os alunos fazem uso. Por curiosidade, perguntei aos professores, principalmente aos de matemática e português, como eram suas respectivas disciplinas ensinadas hoje, melhor dizendo, como o Estado quer que se ensine tabuada e conjugações verbais? Para minha surpresa, minha colega de português afirmou que não querem que se ensinem os tempos verbais com repetição e, sim, com o uso implícito em textos e, na matemática, não é muito diferente. Depois dessa informação, comecei a compreender porque alunos de 7ª e 8ª séries não sabem diferenciar passaram de passarão e não saibam ver horas em um relógio analógico. Bastaria conhecer a tabuada do 5. Lembro-me de estar sentada na carteira da escola, na 2ª ou 3ª série do Fundamental, e da professora desenhando diversos círculos no quadro negro e fazendo alguns ponteiros com giz colorido para nos explicar como se vê as horas em um relógio analógico. Vale lembrar que naquela época os celulares não eram tão populares. Às vezes tenho a impressão de que o relógio de pulso é um objeto em extinção e acho graça da curiosidade de meus alunos quando abro o visor do meu relógio de bolso para me certificar quanto tempo ainda tenho de aula. "Prô, o que é isso? É uma bússola? Posso ver?" e, em seguida, vem a pergunta que até dói ouvir: "Prô, que horas são aqui?" E eu digo: "Por que você não me diz?" – "Ah, prô, não sei ver horas em relógio de ponteiro." Os professores, ao menos eu, sentem uma tristeza ao ouvir essa afirmação vinda de alunos de 13, 14 anos.

O Ideb é um índice de avaliação das escolas privadas e públicas do Brasil, lançado pelo Ministério da Educação em 2005, e registrou pela primeira vez, em 2013 uma queda no desempenho das instituições

privadas, mostrando que apesar dos problemas se concentrarem nas escolas públicas, as particulares também estão sofrendo problemas semelhantes.

Após um delicioso almoço, o que é uma raridade nas escolas públicas, voltamos ao suplício da reunião e, dessa vez, sem nenhuma interrupção. Rapidamente fomos liberados e pudemos voltar aos nossos afazeres.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB, durante o ensino fundamental, a criança desenvolve a capacidade de aprender, dominando a leitura, a escrita e o cálculo. A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes, da cultura dos direitos humanos, e a formação de atitudes e valores. E por fim, o fortalecimento dos vínculos familiares, os laços de solidariedade, respeito e tolerância recíproca que alicerça a vida social.

Na prática, o que nós professores encontramos nas salas de aulas são crianças nas 6ª e 7ª séries que não sabem ler ou escrever. Não conseguem ver horas em um relógio analógico, pois não sabem tabuada, e que possuem os laços familiares rompidos devido a tantos conflitos e abandono. Essas crianças, mesmo não alcançando o nível de aprendizagem que a série ou o ano em que estão inseridas exige, são constantemente aprovadas devido a uma brecha na



Giva Moreira

legislação que permite a progressão continuada. Ou seja, o problema é sucessivamente empurrado para frente.

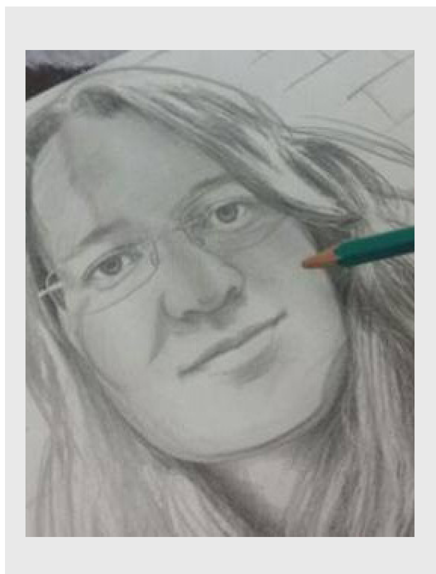
Em pesquisa do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) confirma-se que a progressão continuada não estimula o aprendizado entre os alunos e 46% destes afirmam que foram aprovados sem aprender todo o conteúdo. Segundo o coordenador regional da Apeoesp, Ronaldo N. Mota, a forma como a progressão continuada é usada pelas escolas e pela Secretaria Estadual da Educação tem como objetivo promover o aluno independentemente dos aspectos educacionais e de aprendizagem.

Ao sair da escola às 14h daquele dia de sol quente com os outros professores, me dei conta de que, possivelmente, eles se esqueceram da reunião e do que foi dito, mas eu não conseguia apagar de minha memória a afirmação da vice-diretora. A consternação ainda era evidente em minha expressão e esse episódio deixou uma marca em mim e diversos questionamentos.

Acredito que o sistema educacional não está cumprindo sua função e quem está sofrendo as consequências são as crianças e os jovens que terminam a escola com inúmeros déficits na aprendizagem, sem possuir noções básicas de cidadania e ética, e sem condições de se inserir no mercado de trabalho competitivo.

A autonomia caminha junto com a responsabilidade, mas nas escolas presenciamos crianças e jovens adquirir sua independência sem conhecer suas responsabilidades e obrigações.

Eu, como professora, apoio o exercício do livre pensar desde que, para isso, se faça uso do conhecimento que a humanidade desenvolveu ao longo de toda sua história. Caso contrário, nos prenderemos num eterno ciclo de reinvenção da roda.



Luana Aguiar Werneck é professora de História da Rede Estadual de São Paulo. Formada em História, tem especialização em Patrimônio Histórico e Cultura e Mestrado em Educação: Política, História, Sociedade. Este ensaio foi escrito em 2015.

Um lar para o pequeno

Magrelo

Fotos: sxc.hu



Quem poderia resistir a um magrelo filhote de gato? Quem teria o coração duro?

Jeffersonyc Saints

O jovem Júnior saiu da aula um pouco mais tarde que o normal, havia ficado de castigo fazendo uma atividade extra depois que o sinal bateu. No céu uma chuva se formava. Ele apressou o passo. Torcia para que ela não caísse até que chegasse em casa. Não adiantou muito. Os primeiros pingos tocaram sua pele no momento em que ele passava pela praça do cinquentenário.

Correu na esperança de que se molharia menos. Contudo, a chuva engrossou quando chegou à Praça dos Cometas. Abrigou-se, junto com mais algumas pessoas, embaixo da marquise da padaria Aurora.

Observou, do outro lado da rua, um filhote de gato ao lado de um saco de lixo. O pequeno animal miava fortemente, desamparado entre os pingos que caíam. As pessoas pareciam ignorar o pobre felino, mas Júnior ficou demasiadamente incomodado. Atravessou a rua, em direção ao bichano. Ao se aproximar percebeu o quanto aquele filhote

era magrelo. Seus pelos brancos estavam encardidos.

As pessoas observaram-no se agachar, pegar o gato, e trazê-lo para baixo da marquise. Júnior enxugou os pelos do animal com o tecido branco de seu fardamento escolar. Os espectadores estranharam, mas ele parecia não se importar. "Deve estar com fome", pensou o garoto.

A chuva logo passou e ele colou o gato magrelo na porta da padaria. Feito isso caminhou de volta para casa, mas antes que desse o terceiro passo, ouviu os miados do gato que o seguia. Olhou para trás sensibilizado.

"Se eu pudesse eu te levava para casa."

Continuou a caminhar, mas o gato ainda o seguia com fortes miados. se virou e disse:

"Se ele me seguir mais uma vez, eu o levarei para casa."

E foi exatamente o que aconteceu. Pegou o animal como se segurasse um bebé recém-nascido e seguiu viagem. Enquanto caminhava observou que os vizinhos o olhavam com certo desdém, mas Júnior era o tipo de garoto que não ligava muito para o que as pessoas diziam. Havia se acostumado às provocações sofridas na escola.

Passou pela porta de casa, mas não entrou, arrodeou pela lateral e pulou o muro para ir ao quintal. Não guardava boas lembranças da primeira vez em que entrou pela porta da frente carregando um animal da rua.

Já no quintal, colocou o filhote dentro de uma caixa de papelão, mas o animal começou a



miar muito alto.

“Fica quieto.” – sussurrou o garoto. “Se você miar desse jeito meus tios vão descobrir”. Por alguma razão o gato parou de miar.

O garoto deixou-o no quintal e adentrou a casa pela porta dos fundos. Caminhou sorrateiramente pela cozinha, pegou um pouco de leite em cima do fogão, despejou um pouco numa embalagem vazia de margarina e voltou para o quintal. Deu o leite ao gato que estava parecia faminto. Ficou feliz em ver o felino se acalmar, mas a voz de sua tia assustou tanto ele quanto o gato:

“Você trouxe outro animal para dentro de casa, Júnior?”, perguntou ela retoricamente.

Júnior abaixou a cabeça e, antes que pudesse dizer algo, sua tia completou:

“Já temos três gatos dentro de casa. Pode colocar de volta aonde você achou, antes que o seu tio descubra.”

O tio de júnior caminhou até o quintal com um prato de comida na mão.

“Você disse gato?”, - interrogou enquanto observava Júnior segurar o animal, como se o protegesse.

“Esse menino é um abestado mesmo. Sempre trazendo essas porcarias pra dentro de casa.”

“Não precisar falar assim



com o menino." – disse a tia de Júnior.

"Não se intromete, mulher!" – replicou ele, voltando seus olhos para Júnior.

"Vou pro trabalho agora, se esse gato ainda estiver aqui quando eu voltar, vou jogar fora, como eu fiz com o ultimo que você trouxe."

"Você ouviu seu tio, Júnior, leve ele embora e volte pra almoçar."

Júnior chorou enquanto pegava o gato e o levava para fora de casa.

"Porque as pessoas são assim?" – Ele se questionava enquanto carregava o gato para fora.

"Será que é tão errado trazer um animal perdido pra dentro casa?"

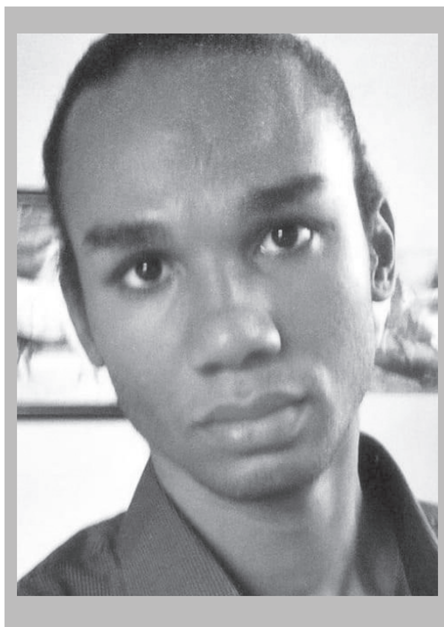
Teve a repentina ideia de dá-lo a algum amigo. Pelo menos assim ele não ficaria nas ruas. Levou na casa de sua amiga Su, que recusou dizendo que não poderia ficar com o gato; levou-o na casa de seu amigo Luiz, que recusou antes mesmo que Júnior dissesse alguma coisa. Foi à casa de mais sete pessoas, que também não puderam ficar com o bichano.

O sol já estava se pondo quando Junior sentou-se à porta de uma casa e começou a chorar com o gato em seu colo. Estava com fome e cansado. Havia andado por diversas ruas da cidade sem encontrar alguém que ficasse com o animal.

Uma mulher saiu à porta e o viu chorando. Júnior ofereceu o filhote a ela sem esperanças de que aceitasse. No entanto, ela sorriu e disse que há tempos estava procurando um gato para criar.

Júnior chorou ao ouvir isso. Mas desta vez, suas lágrimas eram de alegria. Pediu à bondosa mulher que o deixasse visitar o gato de vez em quando e ela cordialmente aceitou.

O felino foi apelidado de Magrelo. Mas Magrelo agora estava bem cuidado, seus pelos amarelados estavam brancos e felpudos como algodão. Também havia engordado bastante, mas para júnior, aquele sempre seria o seu Magrelo.



Jefferson Santos é estudante de Direito e escritor nas horas vagas.

Jogo de campeonato,

corro é pro mato

Fotos: sxc.hu



Quem não se lembra de, na infância, jogar das pelada no meio da rua?

Eddie Silva

Sexta-feira, dia de decisão no Bairro da Barreirinha. Nossa esquadra é patrocinada peça por peça: a torrefação de café oferece duas camisas, a fábrica de tintas e a rede hipermercados mais duas. O vereador da região outras quatro. O restante das camisas, brancas ou desbotadas, fica por conta dos próprios atletas. Bem trajado ou não, nosso time está confiante. O jogo, marcado para as três da tarde, será duríssimo, considerada a rivalidade com o adversário. Mesmo jogando no campo deles, não nos amedrontamos. Pelo menos ninguém admitia o medo.

Zuza, o goleiro, foi encarregado, com o Barney Flintstone, de vistoriar o local e traçar um plano de retirada estratégica e rápida. A orientação era não provocar a torcida com comemorações excessivas após os gols e nem fazer cera com a bola. O juiz designado para a partida foi o Luizão Magrinho, árbitro severíssimo, que numa partida expulsara até um cachorro invasor. Cada time teria de levar o seu troféu. Quem ganhasse ficaria com os dois. Como não tínhamos dinheiro, Batatinha

resolveu pegar escondido um troféu que o pai ganhara num torneio de luta livre.

Depois de treinar a manhã inteira, rumamos a pé para o canário do confronto. Não houve tempo para o almoço. Saímos às 12:38 (como bem recordo) e fomos comendo algumas amorinhas, peras e ameixas vermelhas que encontrávamos nas casas no caminho. Quando chegamos, o bairro inteiro nos esperava com gritos de guerras e ameaças. Dois dos nossos, intimidados pela massa agitada, fizeram meia volta e nos desejaram boa sorte.

Zuza nos deu as últimas coordenadas sobre atalhos a pegar em caso de emergência. Passadas as cerimônias e trocas de gentilezas, entramos em campo. Olhamo-nos uns aos outros, nervosos e ressabiados. O juiz iniciou então a partida. A correria e o desespero do Batatinha eram maiores, pois estava em jogo o troféu do pai. A cada lance do time adversário, a galera ia à loucura.

O jogo começou marcado pelas violências e por ameaças. Recebi uma bola no meio de campo e rolei-a pra frente, na esperança de fugir do marcador. Inútil, levei uma sapatada por trás que me fez perder o rumo. O juiz não apitou e disse que era lance normal. Em seguida, o time deles entrou em nossa área e um jogador atirou-se ridiculamente no chão, procurando cavar um pênalti. Para a alegria da torcida e desespero do Batatinha o juiz apontou a marca do cal.

O centroavante deles preparava a bola enquanto fui falar com o Zuza – nosso goleiro. Disse que o centroavante o havia chamado de marica frangueiro. O sangue lhe subiu a cabeça e o respeitado guarda-metas resolveu mostrar quem era marica. O centroavante bateu no canto, mas Zuza numa ponte perfeita, mandou a redonda para fora.

A partida seguiu com violência sem precedentes. Reclamei com o juiz e levei um cartão amarelo. Depois de muito sufoco, terminou o primeiro tempo. No intervalo, sentamos debaixo de uma árvore para descansar um pouco. Todos sabíamos que seria impossível terminar a partida com uma vitória. Batatinha, aos prantos, pensava numa boa desculpa para o sumiço do troféu.Com palavras consoladoras, fiz um breve discurso. – "O negócio é o seguinte galera: estamos apanhando na frente do juiz e ele não faz nada. No final, vamos mesmo apanhar da torcida. Isso quer dizer estamos com o couro negociado. Alguém tem alguma sugestão?"O silêncio foi a resposta. Continuei: Já que vou apanhar, que seja com vitória. Quem quiser pode ir embora. Fico até o fim."

Foi o ânimo que faltava ao time. Voltamos ao segundo tempo dispostos a suar a camisa e correr sem trégua, nem que fosse da torcida. Então, ocorreu o evento capital da partida. Bola pra frente e o Batatinha corre em disparada, ganhando o lance no meio de dois zagueiros. Ele faz o cruzamento e eu de primeira, mando para o fundo das redes. Era o gol que tanto sonhamos nos dias anteriores.

A torcida, revoltada, em alvoroço, berra e ameaça invadir o campo para reclamar de impedimento. O juiz resolveu então mostrar coragem e expulsou dois adversários reclamões. A confusão foi terrível. Só deu tempo de passar a mão nos troféus e escapulir pelo meio do mato, no caminho escolhido por Zuza.

Após uma corrida sem paradas, chegamos ilesos em casa. Batatinha erguia com orgulho as duas taças e sorria cheio de satisfação. Resolvemos por unanimidade, não retornar tão cedo à Barreirinha para jogar. Eu, particularmente, nem voltei para visitar Luizão Magrinho. O juiz acabou pendurado no hospital do bairro, todo quebrado e engessado, por validar meu gol… impedido e de canela.



A Banca de revistas foi o

Google de nossa época

Fotos: Divulgação



Durante muito tempo as bancas foram nossa principal fonte de informação

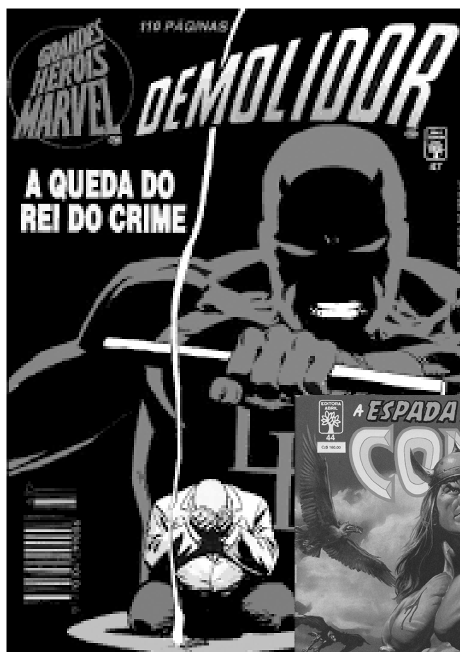
Giva Moreira

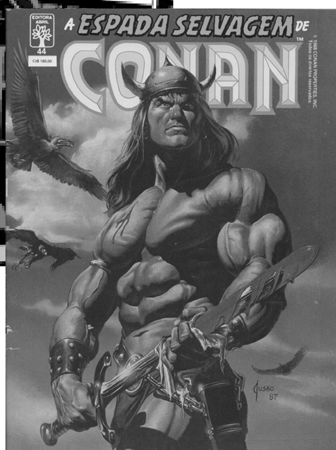
Caro e intrépido leitor, para você entender melhor o sentido do texto a seguir, preciso que, por um momento, se imagine, sem as facilidades desta vida moderna e digital que temos hoje, em pleno 2018. Imagine-se sem internet e sem redes sociais, downloads, Google, You Tube, smartphones e seus apps, MP3, MP4 e cia.

Conseguiu? Então, aperte os cintos e venha comigo para Ipiaú – Bahia, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990! Vamos lá...

Por volta de 1987, eu acabava de chegar a Ipiaú, e a cidade não oferecia muitas opções de lazer para a turma. Era até engraçado o esforço que precisávamos fazer para ter acesso às informações sobre as coisas que a gente gostava...

Por exemplo, se quisesse criar um acervo de informações sobre seu artista preferido, você teria que: a) gravar no vídeo cassete algum programa de TV (Programa Livre, MTV e cia), ou b) correr até a banca de revistas em busca de notícias sobre o assunto.





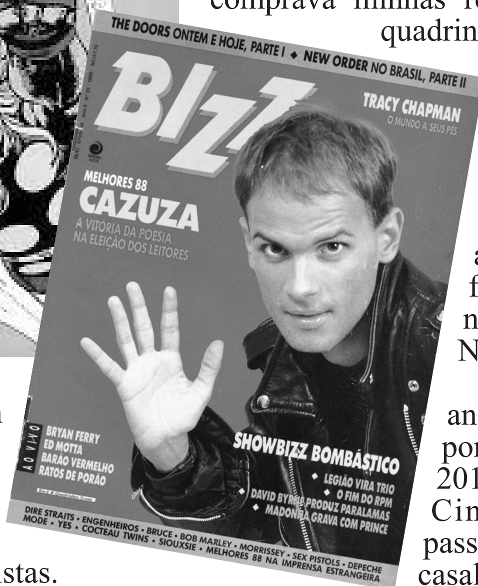
Para conseguir aquela música da sua banda preferida, era preciso ficar de "castigo" na frente do gravador, esperando que tocasse no rádio. Gravávamos numa fita **BASF** e rezávamos para o filho da mãe do locutor não falar durante a gravação (Risos).

Os trabalhos/pesquisas tinham que ser feitos na biblioteca do colégio e era preciso garimpar os livros, depois transcrever à mão o resumo de sua pesquisa. Vivíamos em um constante garimpo de informações, mas era mágico.

Já na banca de revistas, tínhamos outro refúgio para garimpar informações através dos jornais, livros, revistas de diversos assuntos, quadrinhos e até fanzines. Os romances e papeis de carta, que as meninas trocavam entre si, os álbuns de figurinhas, a interação da galera nas conversas, as amizades criadas, a troca de informações e o ambiente bacana que se formava na banca. Era um point de pessoas que compartilhavam afinidades. Era praticamente uma "mini – Comic Con". Além disso, nessa época também existia o famoso fliperama de seu China na Praça do Cinquentenário, onde rolava a jogatina e surgiam várias paixões platônicas pela Chun Li, mas isso também é outra história (risos).

Tinha quem montasse pastas com recortes de revistas e jornais sobre diversos assuntos. Era item obrigatórios nos fã clubes. Tudo físico, feito manualmente, e o mais engraçado é que a turma se amarrava nisso. Encontrar a nova edição daquela revista que você colecionava era um misto de ansiedade e alegria, que só o cheirinho da tinta nova, impressa nas páginas, trazia. Até o dono da banca, te olhando torto caso folheasse a revista toda e não comprasse, fazia parte. A não ser, é claro, que o dono da banca fosse seu camarada. Não é mesmo, Beto? (Risos). Ah, naquele tempo, as





revistas não vinham em saquinhos como hoje.

Nessa época, a cidade tinha quatro bancas de revistas. Duas na Praça Ruy Barbosa, uma na rodoviária e outra na Praça do Cinquentenário. Eu era cliente de praticamente três delas.

Na Ruy Barbosa havia a banca de Muquiado, onde eu comprava minhas edições de **A Espada Selvagem de Conan** e a banca do Jocélio, que tinha muitos quadrinhos antigos como as edições do Mandrake, Fantasma, Tex e Zagor. Na banca do Cinquentenário, de Robson, era administrada pelos irmãos Beto e Nado, meus amigos. Além disso, ficava pertinho da minha casa, e era lá que eu costumava passar as tardes depois do colégio, conversando sobre quadrinhos, música, religião, arte, teatro, vida, amizade... Em pouco tempo, se tornou o point de encontro de muitos outros amigos. Beto é meu amigo até hoje. Lá eu comprava minhas revistas, meus quadrinhos e, nas conversas, enriquecia ainda mais minhas leituras de mundo. Era a única que funcionava à noite, com o Nado.

Muitos anos depois, por volta de 2014, a banca do Cinquentenário passou para o casal Miguel e Aline, que também eram ótimos no atendimento e nas conversas. Enquanto isso, a banca da rodoviária fechou. Entre 2015 e 2016, funcionou, na rua Dois de Julho, a **Livraria e Ateliê Doces Letras**, da Sr.ª Sandra, que além do ótimo atendimento, tinha vasto catálogo em livros, revistas, HQs, coleções, presentes e livros didáticos. No ateliê, localizado na rua Castro Alves, eram oferecidas

oficinas de crochê, bordado, brinquedoteca e oficina de desenho (ministrei aulas nessa última).

A banca de Jocélio, da Praça Ruy Barbosa fechou, a banca de Muquiado passou para os irmãos Sheila e Erlon, mas acabou saindo da praça e fechando. Aproximadamente um ano depois, Miguel e Aline passaram a Banca do Cinquentenário para Márcio, que a mantém funcionando até hoje.

Atualmente, em Ipiaú, a demanda de leitores e colecionadores cresceu, e a procura ficou maior que a oferta. Os colecionadores (como eu), têm que recorrer às compras online, o que, muitas vezes, fica mais barato. Talvez isso tenha causado a queda desse tipo de comércio na nossa cidade.

O mais importante, para mim, foi o que se perdeu.

Perdeu-se os bons encontros e as conversas nas bancas e na livraria...

Perdeu-se os desenhos, as descobertas das crianças...

Perdeu-se a troca de experiências de leitura e de vida...

Perdeu-se as novas amizades criadas nessa atmosfera familiar e que tanto contribuiu para a minha formação, bem como para a de várias outras pessoas.

Perdeu-se...

E hoje, para pesquisar? Internet. (A tentação do famoso *Ctrl + C e Crtl + V* facilita a vida da geração milênio).

Para que Jornais? Acessar o site é mais fácil.

A tecnologia facilita, tem seus grandes méritos e não desmereço isso, mas a atmosfera vivida naquele garimpo literário era mágica. Sim, eu sou um cara nostálgico.

Hoje Ipiaú tem aproximadamente 47.704 mil habitantes e possui apenas uma banca de revistas.

Continuo meu garimpo literário, agora navegando em águas digitais.



Giva Moreira – Formado em magistério, Técnico de segurança do trabalho, Ator, Cantor, Músico, Autor de textos teatrais, colecionador de quadrinhos e tem um canal no you tube - Cejaviu? HQs & Derivados.

A queda de Murdock:

Ascenção do Demolidor

Imagens: Marvel Comics



Adenivaldo Brito

Prelúdio:

O ano é 1985. No Brasil, vivemos os primeiros momentos da nova república pós ditadura. Toda novidade ainda é vista com certa desconfiança. A cultura dos quadrinhos vive seu auge nessa época de ascensão para os heróis fantásticos e superpoderosos. Enquanto isso, nas terras do Tio Sam, o mercado editorial de comic-books vive uma de suas maiores revoluções até então: a DC comics, em um mega evento

decorrido ao longo de um ano e no qual foram envolvidos todos os seus personagens, reformula completamente as bases de seu universo. Crise nas Infinitas Terras mudou para sempre a dinâmica das histórias em quadrinhos.

Após Crise, o mercado traçou novos rumos. A fórmula previsível e ingênua de se escrever quadrinhos foi deixada para trás no intuito de agradar a uma nova geração de leitores. As plurivivências absurdas dos personagens em incontáveis realidades paralelas foram extintas para que se priorizassem histórias mais lógicas e com algum fundamento científico. Os heróis seriam humanizados para que o leitor pudesse familiarizar-se com eles. A iniciativa da DC funcionou e seus heróis, outrora agredidos pelo tempo e pela incompetência de alguns roteiristas e editores, ganharam vida nova e muitas cifras.

Do outro lado do mercado de quadrinhos, a Marvel Comics, concorrente direta nesse segmento, percebendo o bem-sucedido apelo da DC, preocupa-se em também em dar um upgrade em sua grade de personagens. Histórias muito bem elaboradas são criadas nesse período e, entre elas está “DareDevil: Born Again”, traduzido no Brasil como: “Demolidor: A queda de Murdock”.

O Toque de (Midas) Miller

Desde sua criação em 1964, por Stan Lee e Bill Everett, o Demolidor sempre foi um personagem de segundo (às vezes terceiro) escalão. Um jovem advogado cego, nascido no pior bairro de Nova York, cujos sentidos foram espantosamente ampliados pela radiação, razão também de sua cegueira, após salvar um homem de ser atropelado por um caminhão de resíduo tóxico. Apenas isso. Sem poderes fantásticos como voo ou super força. Seria impensável comparar sua popularidade à do Homem-Aranha, por exemplo. Apenas quando o jovem Frank Miller, em 1979, assume os desenhos, vemos uma arrancada no sucesso do personagem. Apesar de estar ainda no segundo ano de sua carreira como profissional, Miller traz ao título mudanças significativas. Seu desenho anatomicamente soberbo (já quanto à perspectiva, cenários e tal... nem tanto) agrada aos fãs do herói.

A alavancada nas vendas faz com que os editores concedam ao jovem artista controle total sobre o título, assumindo também os roteiros. Miller permanece no comando do demolidor até 1983. Ao fim desse período, o vemos experimentando seu gênio criativo ao lado do consagrado roteirista Chris Clearemont (Conhecido por salvar o título “X-Men” de ser cancelado) em uma minissérie em quatro edições para o personagem Wolverine, numa história que serviu de inspiração para o recente longa-metragem “Wolverine Imortal”.

Algum tempo depois, já na DC comics, Miller cria “Ronin”, uma minissérie não tão bem-sucedida, mas ainda de relativo respaldo entre os admiradores do

artista.

Ainda na DC e já bem mais maduro, Frank Miller traz ao mundo aquela que, até hoje, é tida como a sua nona sinfonia: "O cavaleiro das trevas", história criada para atualizar o Batman para o mundo pós Crise. Em seguida, o vemos ao lado do desenhista David Mazzuchelli escrevendo "Batman Ano Um", que reconta a origem do personagem. Mas esse não foi o início da parceria entre Miller e Mazzuchelli.

Quando um cego contempla o inferno

De volta à Marvel, de volta ao Demolidor, o artista recebe o desafio de ressuscitar novamente o herói com o seu toque particular. A proposta é aceita com uma condição: que a arte continue sob responsabilidade de David Mazzuchelli, sobre o qual Miller diz ser "apaixonado pelo seu desenho". Eis que, ainda em 1986 (sim, tudo isso aconteceu em apenas um ano) É lançado "Born Again", um ciclo de sete edições onde o herói cego da cozinha do inferno (bairro onde nasceu) é levado ao limite de sua sanidade.

Quando Miller deixou o título do demolidor em 1983, as coisas começaram a desandar. Mesmo em mãos capacitadas como as do roteirista Denny O'Neil e com o ótimo desenho de Mazzuchelli, as histórias não vingavam. O público parecia acostumado ao estilo Miller de escrever. Pois bem, ele estava de volta. E qual a ideia? Para ressuscitar o herói depois de um longo período de fracassos editoriais, Frank Miller e David Mazzuchelli apelam para uma jogada extrema: "Vamos destruí-lo!". E é simplesmente isso que é feito com a personagem. O homem sem medo foi reduzido a cinzas.

Tudo começa quando Karen Page, ex-secretária e ex-namorada de Mattew (Demolidor) Murdock, vende o segredo de sua dupla identidade por uma dose de heroína. Karen havia desaparecido anos atrás, após romper com Matt. Para todos os efeitos, ela conduzia sua carreira de atriz em Hollywood. No entanto, sua busca pelo sonho americano não rendeu nada além de alguns papéis em filmes pornôs e o vício em drogas. De cara, este é o primeiro indício da genialidade de Miller: introduzir, logo nas primeiras páginas, uma personagem há muito esquecida pelos leitores, fazendo desta um estopim para uma série de acontecimentos brutais ao longo da história.

A atitude de Karen, como já era de se esperar, surte efeitos devastadores na vida do herói. Seu segredo vai parar nas mãos de seu arqui-inimigo, Wilson Fisk, vulgo Rei do Crime, o maior gângster da cidade de Nova York.

De posse de uma arma tão letal, Fisk poderia facilmente matar Murdock e pôr um fim à sua rivalidade. No entanto, o vilão prefere afundar o homem antes de derrubar o herói. Sem que se dê conta, Matt Murdock vê sua vida ruir. Escândalos profissionais são forjados, seus bens bloqueados pela receita, até mesmo a hipoteca

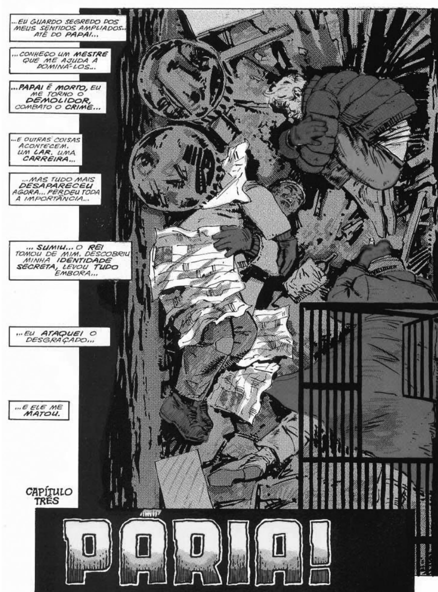
de sua casa é fraudada. Antes, um jovem bem sucedido, um dos mais respeitados profissionais de sua classe, Matt se vê lançado em um turbilhão de situações extremas que o levam à beira da loucura. Como que num grand finale para o primeiro ato desta ópera diabólica, sua casa explode frente aos seus olhos. Obra do Rei.

Nos capítulos seguintes, vemos um homem em frangalhos.



Literalmente na sarjeta, Matt Murdock luta contra si mesmo, tentando manter a pouca sanidade que lhe resta focada no intuito de confrontar Fisk e ter sua vida de volta. Cada personagem da trama se vê envolvido em um intenso drama psicológico. Foggy Nelson, melhor amigo de Matt e seu sócio no escritório de advocacia, tem de lidar com os surtos de insanidade e mania de perseguição do colega. Sua namorada, Glorianna O'Breen (Glory), se vê obrigada a pôr um fim ao relacionamento em decorrência da injustificada ausência de Matt. Pouco depois, Glory, acaba se envolvendo com Foggy. Ben Urich, repórter do Clarim Diário, ao tentar provar a inocência do amigo injustiçado, acaba tornando-se alvo das investidas do Rei do Crime, tendo sua vida e a de sua esposa constantemente ameaçadas. Karen Page, agora, além de ser atormentada por sua consciência, sofrendo por ter destruído a vida do único homem que amou, precisa fugir dos capangas do Rei, incumbidos de eliminar qualquer um que compartilhe do segredo de Murdock.

A trama é conduzida magistralmente. Enredo e arte se



encontram em tamanha sintonia que, cada quadro, ainda que se ignore as legendas, parece induzir o leitor a articular aquelas mesmas palavras. Os diálogos de Miller, em especial os monólogos, são de uma beleza quase lírica. De mesmo modo, arte de Mazzuchelli impressiona por sua perfeição. Seu estilo, extremamente acadêmico, mas que, por vezes, permite lá seus exageros, seduz o leitor, induzindo-o a mergulhar na história como se a presenciasse de fato.

A partir do segundo capítulo, vemos um herói demolido. No início do fim, Murdock passa a agir como sugere sua alcunha de vigilante (Daredevil): um audacioso demônio, enfurecido, confuso, enlouquecido pelas circunstâncias. Aos seus olhos, todos são inimigos, todos tramam em prol do seu fracasso. Mas uma coisa já lhe é clara. Um rosto se faz nítido: o rosto de Wilson Fisk. Matt sabe que tudo o que se passa em sua vida reflete o modus operandi de um grande mafioso. O maior deles. Alimentado apenas por sua ira, ele se move através da cidade como um mendigo faminto até alcançar o covil de seu inimigo. Em uma cena que não pode ser descrita como uma luta, mas sim como um massacre brutal, o Rei do Crime finaliza sua empreitada destruindo a segunda metade de seu inimigo. O herói está em pedaços. O homem também.

Após ser surrado pelo Rei do Crime e "sepultado" nas águas do rio a leste de Nova York, Matt sobrevive para viver os piores dias de sua vida. Humilhado e destruído de todas as formas imagináveis, às portas da morte, ele encontra redenção. Uma voz familiar e braços igualmente familiares e acolhedores o resgatam. Os mesmos braços que o acolheram quando criança, após o acidente que o deixou cego. A zelosa irmã Maggie seria a resposta para a questão do paradeiro de sua mãe?

São claras as referências a imagens sagradas do catolicismo,



como no momento em que o conjunto dos objetos em cena parece formar uma cruz tendo Matt ao centro e Maggie a consolá-lo (imagem ao lado). Como já dito, por mais acadêmico que se mostre o desenho de Mazzuchelli, é quando ele se permite a tais liberdades que mais temos a oportunidade



de contemplar cenas memoráveis. O exemplo perfeito, e um dos momentos mais tensos da trama, seria quando Ben Urich, ao telefone da redação do jornal, acompanha sob ameaças o assassinato de um policial. Podemos notar o rosto de Urich deformar-se de espanto, chegando ao ponto de, no último quadro, ser a representação fiel da pintura impressionista "O Grito" de Edvard Munch.



Recuperado, Matt tenta recomeçar sua vida do zero. Agora, com a mente clara, seus passos são lógicos e bem definidos: primeiro, reestabelecer-se; depois, vinga-se. Muito acontece a partir daí. Karen finalmente o encontra e ao pedir perdão por ter lhe tirado tudo, ouve apenas: "Eu não perdi nada".

Mas isso ainda não é o fim. Ciente de que seu oponente escapou da morte, Wilson Fisk, agora enfurecido e privado da razão, numa manobra de demasiada violência, ordena um ataque à cozinha do inferno, certo de que chamará a atenção do herói. Um insano soldado ufanista, transforma o lar do demônio desafiador em um inferno de fato.



Tem início uma verdadeira guerra. Patriotismo e brutalidade se confrontam quando um aliado de enorme valor aparece para auxiliar o renascido Demolidor.

“Born Again” foi criado no intuito de, literalmente, desconstruir o homem sem medo. Levando-o à beira da loucura e, posteriormente, às portas da morte, Miller pretendia trazer de volta o herói com um novo fôlego. E deu

certo. Sua ressurreição editorial foi uma das mais notáveis já vistas. Até hoje, a história é aclamada por crítica e fãs como a melhor fase do Demolidor, quiçá, uma das mais célebres sagas das histórias em quadrinhos. A razão para tanto? Fácil: Miller fragiliza o personagem ao extremo, expõe tudo o que há de mais humano no herói. Seus sentimentos, responsabilidades profissionais e pessoais, tudo é posto em xeque ao passo em que ele, Matt Murdock, caminha para a ruína. O fim do último capítulo, ao contrário do que se poderia esperar, foge ao consagrado clichê "herói derrota vilão e contorna totalmente a situação". Em vez disso, vemos um novo homem caminhando para o início de uma nova jornada. Ele há de se reerguer, mas jamais será o mesmo.



Adenivaldo Brito – É formado em Letras pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e atualmente trabalha como professor de português na rede pública de ensino. Fã de quadrinhos, rock and roll e o que mais incomodar aos inconformistas.

Em Brasília, 19 h

⏭ *Depois que este texto foi publicado o site teve a sua* ***home*** *pichada. Eu acabei desistindo e tirando o Mídias e Modos do ar definitivamente. Já era a segunda vez que sofríamos ataques.*

Fotos: J. Fagner



Foi em Brasília que fiquei sabendo dos ataques ao meu site

J. Fagner

Brasília, sábado, quatro de agosto de 2012. 9h da manhã. Saio para procurar uma *lan house*. Algum defeito na conexão *wi-fi* do hotel barato em que estou hospedado me impede de conectar o notebook à internet. Preciso enviar os textos e as fotos da matéria para a redação, em São Paulo. Fui escalado para desenvolver uma reportagem sobre a religião do Santo Daime para uma edição especial sobre ritos. Após uma passagem por Peruíbe, no litoral sul paulista – onde levantei dados sobre as reuniões quinzenais que acontecem numa chácara chamada de Céu da Juréia –, sou encaminhado à Capital Federal para continuar a coleta de informações com alguns dirigentes religiosos.

Encontro a *lan house* que eu tanto precisava a menos de 200 metros do hotel. Enquanto faço *upload* dos textos e fotos, resolvo consultar minha conta no **Twitter**. Uma mensagem direta do meu amigo Emerson Teixeira pede para eu verificar o meu site (WWW.

midiasemodos.com). O post em destaque diz: "KKKKKKKKK! Hacked, by Não Salvo!".

Repasso mentalmente o dia anterior. Na tarde de sexta, tive uma conversa via **MSN** com o editor de um site do interior a quem estava prestando ajuda. Esse site estava sofrendo ataques DDOS. O problema é que não era só ele. Todos os sites daquela cidade estavam passando pelo mesmo problema. Como havia uma disputa política – época de eleição no interior é sempre assim – e apenas um dos sites não tinha caído, havia uma desconfiança generalizada que um dos políticos estava pagando alguém para deixar todos os veículos digitais da oposição fora do ar.

Nessa conversa que tive, via MSN, com o já citado editor, fiquei sabendo que a Polícia Federal estava envolvida nas investigações, mas que ele [o editor] resolveria a seu modo.

Às 19h, ainda na sexta feira, recebo uma ligação de Rafael Neves, um dos membros da minha equipe de segurança digital. Rafael é programador especialista em Java. Direto de Belo Horizonte, ele ligava para avisar que, segundo seus contatos, o editor a quem estávamos prestando ajuda, havia afirmado para a polícia e para todos os outros editores de sua cidade que nós, Rafael e eu, estávamos por trás dos ataques.

Quando vi o **Mídias & Modos** hackeado, naquela manhã de sábado, tudo isso passou pela minha cabeça naquela velocidade que só os pensamentos têm em momentos como esse.

Estava óbvio que todos aqueles editores haviam se juntado para pagar alguém capacitado para invadir meu site. Em entrevista para esta reportagem, Antônio Ênio Serraciolli, professor de Engenharia de Software da Universidade de São Paulo explica que "o problema está nas senhas fracas. Tem muita gente que coloca senha como '123456', ou usa o nome da mãe, ou do cachorro. O invasor não tem



a menor dificuldade para quebrar uma senha como essa". Lembrei-me imediatamente de um dos colaboradores do **Mídias e Modos**, o Bruno Walter. Excelente repórter, mas tinha muita dificuldade com a plataforma **Wordpress**. Por causa disso, deixamos uma senha muito fácil para o seu login. Acabei acidentalmente conferindo a ele o status de administrador.

Dito isso, fica fácil entender como se deu a invasão.

"O ideal é que você tenha sempre um backup atualizado dos seus posts", explica Ricardo Gurgel, consultor de segurança da C&C, empresa de criação de sites e portais para internet. "Com um backup atualizado, você não corre o risco de perder seus posts ou o endereçamento de cada um deles", explica. Serraciolli chama a atenção para a necessidade do controle de permissão de pastas e arquivos do Wordpress. "Se você configurar corretamente fica mais difícil para que alguém consiga alterar seus arquivos. É só manter os arquivos com permissão 644 e as pastas com permissão 755", explica.

"O **Wordpress** tem que estar sempre atualizado", diz Gurgel. Segundo ele, isso cria mais uma barreira para as invasões.

Passei um e-mail para o servidor de hospedagem pedindo que tirassem, temporariamente, o **Mídias e Modos** do ar. Liguei para o Rafael que me avisou que a conta do **Twitter** também havia sido invadida, mas que ele já havia corrigido o problema. Ele sugeriu que a senha poderia ter sido descoberta por conta de alguma falha no programa de afiliados que utilizávamos no site. Descobrimos depois que o problema foi a senha fraca.

Naquele momento eu tinha que continuar com meu trabalho



em Brasília. Estaria de volta à minha casa em São Paulo na segunda feira. Até lá, deveria continuar a minha reportagem no Distrito Federal.

Na segunda feira, já de volta a São Paulo, recebemos – Rafael e eu – e-mails de um policial truculento que mal sabia escrever. Ele nos acusava e nos ameaçava por causa dos ataques que os sites de sua cidade continuavam a sofrer.

A primeira reação do Rafael foi responder ao e-mail pedindo que o policial aprendesse a escrever antes de fazer tais acusações. Não era um e-mail da polícia, era do policial – pessoa física – que se valia da sua posição para nos inibir. O fato é que ele era proprietário de um dos sites. Foi ele quem pressionou o primeiro editor (aquele da minha conversa de sexta), e este por medo nos acusou.

Pedi ao Rafael que não batesse de frente contra um policial semi-analfabeto. É difícil convencer um troglodita por meio dos argumentos. Pedi que ele ajudasse, não só o policial, mas, todos os que estavam sendo prejudicados pelo ataque DDOS. Nesse meio tempo ele ainda deveria provar, tecnicamente, que não estávamos envolvidos nessa conspiração. Enquanto isso eu tentava terminar minha matéria sobre ritos, com todas as correções e alterações propostas pelo editor. Rafael conseguiu, por meio de registros de conversas e identificação de número de Ip, provar que não estávamos envolvidos. Ajudou a todos e deixou claro que nunca mais poderiam contar com nossa ajuda.

Na quarta feira, depois de tudo resolvido, matéria já editada, era hora de corrigir os problemas no **Mídias e Modos**. Foi aí que percebi que não tinhamos um backup atualizado e que mais de 40 artigos foram apagados. Pior que eram, justamente, os artigos do Bruno Walter. Aí você me pergunta: Será que você não poderia pedir ao Bruno? Poderia, mas o nosso querido repórter está na Alemanha. Enfiado numa fazenda. Sem acesso à internet ou telefone. Só volta no ano que vem.

Semana passada, recebi um SMS daquele famigerado editor que dizia que o site dele “está com o mesmo problema. Sua equipe pode ajudar?”. Ficou sem resposta.



J. Fagner é jornalista freelancer, Mestre em Educação: Política, História, Sociedade. Este texto foi escrito em 2012

Aiala Ramos

INJUSTIÇA CELESTE

DIZEM QUE O DIABO NÃO É TÃO FEIO QUANTO SE PINTA. HAVIA UMA PROPRIEDADE POUCO PRODUTIVA QUE OCUPAVA UMA VASTA ÁREA RURAL EM UMA CIDADEZINHA HÁ MUITO ESQUECIDA.

OS DONOS ERAM AVANÇADOS EM IDADE, MAS ESTAVAM CONTENTES EM LIDAR COM SUAS TERRAS.





O VELHO SEBASTIÃO ERA LAVRADOR, ENQUANTO A DONA DAMIANA CUIDAVA DA CASA.





A NATUREZA NÃO OS DEU FILHOS, MAS OS DEU PAZ.

MAS HAVIA OUTROS COM INTERESSES PRÓPRIOS.

O QUE FICOU DECIDIDO, ROBERTO?

NÃO. DEIXEM ESSA EMPREITADA COMIGO, VOU FAZER UMA OFERTA QUE ELE NÃO VAI RECUSAR.

DESCULPEM PELO ATRASO.

SEM CHANCE! O VELHO RABUGENTO NÃO PRETENDE ABRIR MÃO DAS TERRAS. FIZEMOS UMA OFERTA GENEROSA, MAS O DESGRAÇADO RECUSOU.

VOCÊ DEVERIA TÊ-LO OBRIGADO... É APENAS UM VELHO IMPRESTÁVEL.

QUADRO GERAL. DOIS DIAS DEPOIS, NO INÍCIO DA MADRUGADA, MANOEL OLIVEIRA, PREFEITO DA CIDADE, CHEGOU A PROPRIEDADE DO VELHO BASTIÃO PARA COLOCAR EM PRÁTICA SEU PLANO DIABÓLICO.

OH, DEUS!

RETIRADA DE SEU SONO POR UM ESTAMPIDO E VOZES DISTANTES, DAMIANA SEGUE EM DIREÇÃO À PORTA, COM O CORAÇÃO APERTADO E ALMA AFLITA. ELA NÃO SABIA, MAS, LÁ FORA, OS HOMENS DO PREFEITO ESTAVAM ARRANCANDO AS ÚLTIMAS GOTAS DE VIDA DO SEU MARIDO

BASTIÃO... É VOCÊ?

BASTIÃO!

TREZE DIAS DEPOIS...

E FOI ISSO QUE ACONTECEU, QUERIDO. FOI UM MILAGRE. EU LIMPAVA O QUE RESTARA DA CASA, QUANDO UM GAROTO ESTRANHO ME ENTREGOU UMA BOLSA E SAIU CORRENDO. DENTRO TINHA UMA QUANTIA ENORME DE DINHEIRO... EU LHE DEI UM ENTERRO DECENTE, VOU RECONSTRUIR A NOSSA CASA, E CONTRATAR ALGUÉM PARA AJUDAR NA LAVOURA.

O QUE ACONTECEU DIAS DEPOIS É MAIS ESTRANHO AINDA: O PREFEITO SE ENFORCOU, JUNTO COM A ESPOSA.

O ROBERTO MORREU DE UM MAL DESCONHECIDO.

O RODOLFO CAIU DO CAVALO E QUEBROU O PESCOÇO.

"VALDO CAÇADOR" SAIU DA ESTRADA COM O CARRO. FOI A JUSTIÇA DE DEUS.

PREFIRO CONCORDAR COM A SUJA PRIMEIRA AFIRMAÇÃO DAMIANA.

NEM O DIABO LHE DARIA SENTENÇA TÃO INJUSTA

FIM

Quadrinhos como incentivador

do hábito de leitura

Fotos: Mauri Ribeiro



Mauri Ribeiro em uma das suas muitas oficias pelas escolas

Há muitas décadas as histórias em quadrinhos vêm divertindo e emocionando milhares de pessoas. Desde os seus primórdios essa mídia cativa com certa facilidade, criando muitos personagens icônicos e trazendo cada vez mais temas relevantes em suas páginas. É sempre muito interessante ver como as HQs (histórias em quadrinhos) evoluíram e, principalmente, perceber como seu público cresceu e amadureceu junto. Falo isso porque as primeiras histórias em quadrinhos eram feitas, quase que unicamente, para crianças, e hoje, com tantos recursos para a sua criação, encontramos HQs dos mais variados temas para os mais variados públicos.

Todos somos fãs de histórias no geral. É provável que isso seja resquício daquilo que Freud chamaria de experiências da primeira infância. Mas o que poucos percebem é que, os quadrinhos nos incentivaram e nos ajudaram a ser escritores e leitores habituais. Para mim, as HQs foram fundamentais no desenvolvimento da leitura. Foi tão fácil aprender a ler associando os desenhos àqueles

emaranhados de letras que via nos quadrinhos do Sesinho e da Turma da Mônica, que o meu aprendizado se deu muito rapidamente.

Acho que, talvez por ler tantos quadrinhos desde criança e por, consequentemente, aprender a ler tão rapidamente, cresci com esse amor pela leitura. Enquanto discutia isso com uns amigos, há uns dois anos, foi que surgiu a ideia de trabalhar essa relação dos quadrinhos com a leitura na educação de crianças. Eu sou designer e já ministro alguns workshops e palestras em eventos, mas percebi que queria tentar unir o amor ao design com o amor pelas HQs de alguma forma. Foi aí que surgiu uma iniciativa a qual chamo de “Projetando Quadrinhos”. Nesse empreendimento, eu vou às escolas municipais com diversas oficinas, histórias e brincadeiras que envolvem a leitura e criação de histórias em arte sequencial. Falei



com algumas amigas professoras da cidade em que nasci, Carpina-PE, e montamos o primeiro dia de oficinas. E desde lá, não parei mais.

Na maioria das vezes vou às escolas apenas para incentivar essa cultura nos jovens alunos. Basicamente, eu passo





alguns passos explicando a arte sequencial, formas de fazer storyboards, e depois partimos para o desenvolvimento de uma narrativa. É lindo ver os alunos(as) se empolgando e inventando personagens e contextos para seus roteiros. E o melhor é que aquela semente de leitura vai crescendo dentro deles. Por isso, uma das coisas que não abro mão é de levar quadrinhos para serem doados e sorteados, para que assim, aqueles que não podem comprar, tenham acesso. Como profissionais temos essa responsabilidade de agir no fator social/educativo daqueles que herdarão o País.



Mauri Ribeiro: cristão, fascinado por HQs, cinema, arte, música, inovação, tecnologia, Batman e claro: Design. Bacharelando Design na UFPE, eu sigo a vida com muita filosofia e reflexões sobre cotidiano e design



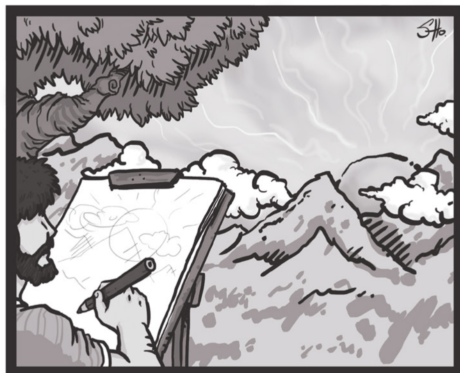
NOSSO HERÓI ADORMECIDO - ERIC FRANTTO



TODOS NÓS SABEMOS A RESPEITO DO POTENCIAL CRIATIVO DE UMA CRIANÇA. NASCEMOS SEM LIMITES PARA A IDEAÇÃO, SEM BARREIRAS PARA O PENSAR ALÉM. CRIANÇAS SÃO ARTISTAS NATAS.



COM O PASSAR DO TEMPO E A CHEGADA DOS BOLETOS E DAS OBRIGAÇÕES SOCIAIS, NOSSA CAPACIDADE DE OUSAR SOFRE MASSIVOS ATAQUES. ISSO INIBE A MAIORIA DE NÓS A PROGREDIR NO CAMPO ARTÍSTICO. MAS, ALGUNS DE NÓS CONTINUAM TEIMOSAMENTE CRIATIVOS. CRIANÇAS EM CORPOS DE ADULTOS.



HOJE EU SÓ QUERO PARABENIZAR E AGRADECER. PARABÉNS A VOCÊ QUE CONTINUA SENDO UM ARTISTA DE SI MESMO. INDOMÁVEL E INCONFORMADO COM OS PADRÕES. E OBRIGADO POR SIMPLESMENTE ME "OUVIR" AQUI.